



Universidade de Brasília
Instituto de Relações Internacionais
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
XV Curso de Especialização em Relações Internacionais

**Da Terceira Via ao Anti-imperialismo:
Relações Estado Unidos – Venezuela (1999-2006)**

Mauricio Enrique Blanco Acosta

Artigo apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Especialista em
Relações Internacionais pela Universidade
de Brasília.

Orientador: Prof. Virgílio Caixeta Arraes

Brasília
2014

Resumo: Este artigo abordara a transformação ideológica que teve o governo venezuelano liderado por Hugo Chávez, nas relações com o seu principal parceiro: os Estados Unidos da América, no período de 1999 até 2006. Chávez chega ao poder mostrando uma vertente ideológica que vai mudando enquanto avançam os anos do seu governo. Inicialmente, inclinado à Terceira Via e, depois, declarado Anti-imperialista; Ao longo do trabalho, realizar-se-á uma abordagem dos diferentes elementos que motivaram esta mudança.

Palavras-chave: Terceira Via, Imperialismo, Socialismo, Bolivarianismo, Venezuela, Estados Unidos.

Abstract: throughout this article was carried forward by the ideological transformation that took the Venezuelan government led by Hugo Chávez, from 1999 to 2006 in its relations with its main partners: the United States of America. Chavez came to power showing an ideological trend that is changing while advancing years of his government, initially inclined to Third Way and then declared Anti-imperialist, in the following paragraphs there will be a different approach to the elements that led to this change.

Keywords: Third Way, Imperialism, Socialism, Venezuela, United States Of America, Bolivarianism.

Com uma luva na mão e usando uma calça, ambos os equipamentos específicos do beisebol, casaco esportivo das três cores da bandeira venezuelana, *skikes* e um boné azul que mostrava o brasão das forças armadas da Venezuela, Hugo Chávez pulou aos jardins do *Shea Stadium* de Nova York naquela tarde, quase noite, do dia 9 de junho de 1999, para aquecer e exercitar o seu braço esquerdo, minutos antes do lançamento inaugural do jogo entre os Azulejos de Toronto e os Mets de Nova York.

As pessoas presentes naquele cenário nunca esquecerão o show feito pelo convidado nesse momento, que não chegou vestido com um traje esporte fino para aparecer no centro da quadra e ser apresentado, como costuma ser nesses eventos.

Nesse dia, quatro meses depois de tomar pose como Presidente da República, Chávez realizou o seu grande sonho de se uniformizar como jogador de beisebol em um estádio das grandes ligas dos Estados Unidos. Um sonho anunciado, desde que era criança em Barinas, seu Estado de origem, onde ouvia os jogos dos *Navengates del Magallanes* –equipe do campeonato venezuelano- em um rádio de pilha. Ele –Hugo Chávez- queria ser como o seu herói o “Látigo –chicote- Chávez”, *pitcher* venezuelano que morreu em um trágico acidente, em março de 1969, quando Hugo Chávez tinha 14 anos de idade.

O encarregado de receber a bola daquele lançamento protocolar feito pelo Chávez, no *Shea Stadium*, foi o venezuelano Edgardo Alfonzo, que jogava na segunda base dos Mets. Melvin Mora. Roger Cedeño y Kelvim Escobar –também jogadores venezuelanos- fizeram parte do ato com Chávez, por serem jogadores de ambas as equipes.

A profunda paixão do Presidente venezuelano pelo beisebol imortalizou o convite dos Mets, no qual Chávez quebrou o cerimonial e deixou surpresos os próprios amantes do beisebol nos Estados Unidos e na Venezuela. “No entanto, Chávez sempre afirmou que

renunciou ao sonho de ser jogador de beisebol para se tornar um servidor da pátria”.

(Víctor Melo, tradução própria).

Introdução:

A Venezuela entrou no século XIX sem saber que, sob as suas terras, encontrava-se o que seria o principal combustível do mundo contemporâneo: o petróleo. Com a descoberta do “ouro negro” que se encontra embaixo do solo, o decorrer desse século moldou aos poucos a importante parceria entre a Venezuela e os Estados Unidos, tendo como principal motivador os interesses petrolíferos Norte-americanos. No ocidente venezuelano, uma terra intensamente quente -com temperaturas até 41 graus- conhecida como Estado Zúlia, serviu de base para as primeiras explorações e para a expansão das empresas petrolíferas dos Estados Unidos no país.

No ano de 1902, o porto de La Guaira, situado a 20 km de Caracas, capital da Venezuela, no centro do país, recebeu a presença de vários barcos estrangeiros que bloquearam o acesso ao porto, com o firme objetivo de forçar Cipriano Castro, Presidente da Venezuela nesse ano, a pagar a dívida externa com os países da Europa. Dívida esta que o governo venezuelano não reconhecia. Com a saída de Castro da Presidência, o seu Vice-presidente o Brigadeiro Juan Vicente Gómez toma posse como Presidente e instaura uma forte ditadura militar, que perduraria por 27 anos. Neste período há uma consolidação da influência dos Estados Unidos na Venezuela, com grandes vantagens a favor do país do norte. Era um requisito indispensável para manter o fluxo do “Ouro Negro” explorada pelas companhias americanas. Segundo Romero (2006), os Estados Unidos se tornaram o principal parceiro comercial de Venezuela no século.

Os governos que se sucederam também mantiveram o alinhamento com os Estados Unidos até o final do século, com algumas exceções, como o governo nacionalista de Isaías Medina Angarita¹, que realizou os primeiros enlances para produzir acordos com outros países produtores de petróleo e para ter uma política coordenada de produção. Outro exemplo foi os últimos anos do mandato de Marcos Pérez Jiménez², que ao longo da sua Presidência foi um importante aliado dos Estados Unidos. Este último realizou uma série de infraestruturas de grande escala no país e que se mantêm vigentes até os dias atuais. Porém, a formulação e

¹ Militar venezuelano com tendência nacionalista. Governou o país desde 1941 até 1945, embora que o seu período fosse até 1946, porém foi derrocado por um Golpe de Estado.

² Marcos Pérez Jiménez era militar do exército venezuelano. Assumiu a Presidência da Venezuela depois do Golpe de Estado contra Romulo Gallegos desde 1951 até 1958, quando é também derrocado por um golpe.

execução de um grande projeto para a construção de ferrovias ao em todo o país gerou um impasse com os interesses das montadoras americanas de carros, que sentiram debilitadas em suas projeções de aumento de investimento do Estado venezuelano em estradas. A decisão de promover ferrovias ao invés de rodovias diminuiu o apoio dos Estados Unidos ao governo de Perez Jimenez que, entre outras razões, acabou sendo derrotado.

Hoje, a América Latina transita por uma série de mudanças, como a superação da pobreza e uma integração mais abrangente. Um cenário totalmente diferente que do que estava em desenvolvimento no final da década de 1990. As políticas neoliberais impostas desde a década de 1980 estavam fazendo estragos em todas as dimensões nos países. Um exemplo foi a Argentina, que paralisou os pagamentos da dívida externa. O Brasil e outros países enfrentavam profundos processos de privatização. A América Central possui altíssimos indicadores de pobreza. O México tentava assegurar-se com a assinatura de um tratado de livre comércio com os Estados Unidos e o Canadá. Sob qualquer crítica, Cuba era a única voz dissidente dentro de um coro uniforme de vozes que disseminava o neoliberalismo como a melhor e, em muitos casos, a única alternativa viável para o continente.

O governo venezuelano, liderado por Hugo Chávez desde 1999, contribuiu com importantes aportes na tentativa de mudar a configuração do poder e posicionamento da região com relação aos Estados Unidos. Tema este que será abordado nos capítulos que se seguem, quando trataremos do caminho trilhado por Chávez e as ações e os diferentes acontecimentos que as impulsionaram, com ênfase nas dimensões que mais ressaltam as relações Estados Unidos - Venezuela: a política, o intercambio comercial, a questão petrolífera, os debates em torno da ALCA e a parceria militar. Por tanto, a escolha pelo primeiro período de Hugo Chávez como Presidente da Venezuela, 1999-2006, justifica-se pelas principais mudanças na ideologia e na política que influenciaram as políticas do Estado venezuelano e marca o aprofundamento destas políticas nos seus anos posteriores.

Capítulo 1 - As Transformações do Estado: O Surgimento da Venezuela Bolivariana.

1.1 A Principal Fonte de Ideias: o Bolivarianismo.

Para entendermos o processo político que atravessa a Venezuela atual, inevitavelmente devemos nos reportar à luta pela independência da América Latina. Simón Bolívar teve papel fundamental na liderança de um dos processos de independência mais abrangente que a história contemporânea já presenciou. A ação bolivariana abarcou a política, a educação, a economia, a cultura, dentre outras. Há uma grande quantidade de textos da época que discorrem sobre o tema, construindo diferentes teses. A Carta de Jamaica, por exemplo, revisa a história e os processos políticos do “Novo Mundo”, denominação dada à América Latina, com relação ao momento político que passava o continente.

A proposta de Bolívar expõe os diversos caminhos a serem transitados para criar *“a maior nação da América formada, menos por sua extensão e riqueza que por sua liberdade e glória”*³. Bolívar tinha consciência de que um dos principais elementos para derrotar o império espanhol deveria ser iniciado pela liberdade ao povo com o fim da escravidão e submissão, que, por 300 anos, tinha deixado a sociedade do “Novo Mundo” sob um estado “dócil”, afirmando que *“um povo debilitado alcança sua liberdade, muito prontamente volta a perdê-la”*. Incentivar e propagar a cultura da busca pela liberdade era fundamental.

Por diversas razões não foi concluído na época o projeto de Bolívar. Porém, consolidou-se como um importante guia e propagar o sentimento nacionalista na América, até os dias atuais, motivando frases como: *“Os Estados Unidos de América parecem destinados pela providência a irrigar a América toda de fome e miséria em nome da liberdade”*⁴.

1.2 O Controle do Timão do Estado Venezuelano.

No ano de 1992, Chávez recebe a patente de Tenente Coronel do Exército venezuelano. Ele leva adiante, junto com outros militares, uma revolta militar contra o Carlos Andrés Pérez, que assumia o cargo de Presidente pela segunda vez e era filiado ao partido da Ação Democrática (AD). A Presidência de Pérez foi marcada por dois fatos importantes, além desta revolta militar, que

³ Carta de Jamaica escrita no 6 de setembro de 1815, em Kingston, Jamaica.

⁴ Carta dirigida ao Coronel Patrick Campbell escrita no 5 de agosto de 1829, em Guayaquil, Equador.

contribuíram transformar o Hugo Chávez em uma figura pública: 1) a explosão social denominada “El Caracazo”, marcada pelos protestos intensos da população em todo o país contra as medidas econômicas neoliberais de cortes, impostas pelo recém-empossado Presidente Pérez, seguindo as diretrizes do Fundo Monetário Internacional (FMI). O pacote teve as seguintes medidas: liberalização dos preços dos alimentos e aumento do valor das passagens de transporte público e da gasolina. Efeitos negativos sobre uma população profundamente empobrecida; 2) a destituição do Presidente Pérez pelo Poder Judiciário, por atos de corrupção. Estes fatos contribuíram, em grande parte, para a impopularidade do já desgastado sistema de bipartidarismo. Hugo Chávez consegue, neste cenário instável, projetar-se como importante ator da cena política.

Ao entardecer do dia 6 de dezembro de 1998, as mesas eleitorais começam a encerrar a contagem dos votos da eleição presidencial na Venezuela, depois de uma longa jornada. O Conselho Nacional Eleitoral da Venezuela anuncia os resultados: Hugo Chávez foi eleito Presidente da República com 54,5% dos votos válidos. Esta vitória foi quebra de 40 anos de bipartidarismo, que revezava o poder entre os partidos: Ação Democrática (AD), Socialdemocrata e o Comitê para a Organização Política Eleitoral (COPEI), Social-Cristiano. Desde 1958 até finais da década de 1980, a Venezuela não foi vista como um grande problema para os Estados Unidos. O país não foi apenas um dos principais provedores de petróleo para o mercado dos Estados Unidos, senão que, para este último, era um exemplo na região de democracia estável (Romero: 2003, tradução própria).

No âmbito político, dois meses depois do juramento como Presidente, Hugo Chávez convoca a eleição para a Assembleia Constituinte, um fato inédito no país que nunca tinha elegido um órgão para redigir um contrato social de forma aberta e pública. Depois de ser feita, a nova Carta Magna foi aprovada em um referendo nacional por 60% dos votantes. De novo, um fato nunca acontecido anteriormente, pois a população venezuelana nunca tinha votado para a aprovação de uma Constituição em toda a sua história republicana. Podemos mostrar, em grandes traços, as principais mudanças no Estado: 1) É instaurado o Estado Social de Direito e de Justiça, substituindo o Estado de Direito clássico; 2) Uma nova arquitetura do Estado é criada, tendo cinco poderes: o Executivo, o

Legislativo, o Judiciário, o Cidadão –concretamente inspirado em uma proposta de Bolívar e é composto pela Controladoria Geral da República, pela Defensoria do Povo e pelo Ministério Público- e o Eleitoral; 3) A Mudança da Democracia Representativa para a Democracia Participativa e Protagonista, 4) Insere-se o Estado laico que aceita e reconhece todas as religiões e cultos, 5) Promove-se a inclusão do ideário de Bolívar com a criação da República Bolivariana da Venezuela; 6) Determina que um dos princípios da nova Política Exterior é a procura de um mundo pluri e multipolar, que respeite as diferenças e decisões soberanas dos países. Romero (2003, tradução própria) afirmam o seguinte:

De fato, nas atuais circunstâncias -1999- há alterações de caráter internacional que poderiam plantar pela primeira vez, desde 1958, diferenças estratégicas mais que táticas. Faz-se referencia à possibilidade de aprofundar uma visão multipolar da Política Exterior da Venezuela devido a proximidade com a Cuba e a China, o relançamento da OPEP, a promoção de uma estratégia de segurança sem os Estados Unidos, o tratamento do conflito da Colômbia e as reservas da política comercial hemisférica [...]. (ROMERO, p 113, 2003)

1.3 Chávez e a Opção Pela Terceira Via:

Um dos principais defensores da Terceira Via foi o ex - Primeiro Ministro Britânico, Tony Blair, que a define como:

The 'Third Way' is to my mind the best label for the new politics which the progressive centre-left is forging [...] The Third Way stands for a modernized social democracy, passionate in its commitment to social justice and the goals of the centre-left, but innovative and forward-looking in the means to achieve them. It is founded on the values that have guided progressive politics for more than a century – democracy, liberty, justice, mutual obligation and internationalism. But it is a third way because it moves decisively beyond an Old Left preoccupied by state control, high taxation and producer interests; and a New Right treating public investment, and

*often the very notions of 'society' and collective endeavour, as evils to be undone*⁵

Hugo Chávez, durante a campanha eleitoral para o seu primeiro mandato, se declarou um seguidor da chamada Terceira Via, tese relançada na metade de 1997 pelo então Primeiro Ministro Britânico, Tony Blair, para reeditar o fraccionado programa do Partidos Laborista. Os Ministros que o Presidente eleito havia designado, em especial José Vicente Rangel⁶ e Luis Miquilena⁷, revelam a intenção de construir um Governo colocado no centro do espectro político (MÁRQUEZ, 1999).

Os dois primeiros anos do seu governo foram focados na geração de uma nova arquitetura de Estado, através da nova Constituição, e nas outras dimensões, como a econômica, transcorreram sem muitas modificações, em comparação aos governos anteriores. Por exemplo, era permitida a livre compra e venda de dólares mediante a livre flutuação. Em outros momentos, o sistema de bandas da cotação da moeda dos Estados Unidos era seguido, permitindo o livre acesso aos grandes conglomerados empresariais das divisas provenientes da renda petrolífera.

No início, tratava-se de minimizar os efeitos do capitalismo no país, sem tentar alterar substancialmente o modelo econômico. O denominado Plano Bolívar 2000, um programa para melhorar as infraestruturas de escolas, hospitais, e outras áreas, como a assistência na área da saúde às populações mais carentes, a criação do Fundo Único Social (FUS) para financiar a assistência social, os tratamentos médicos longos ou cirurgias, o relançamento da rede pública de ensino como as “Escolas Bolivarianas”, que passaram a oferecer um turno escolar de oito horas e as principais refeições das crianças, além do Decreto de Gratuidade da educação pública. Também, decretou-se a Internet como ferramenta de uso e acesso prioritário do Estado e, nessa ordem, começava o projeto dos Infocentros, os centros de acesso gratuito à internet.

Dentro da atual Constituição Venezuela –e nas anteriores- o Legislativo tem a faculdade de outorgar ao Executivo a capacidade de editar decretos, com

⁵ BLAIR, Tony. *The Third Way: New Politics for the New Century*. Pág. 60. 1998.

⁶ José Vicente Rangel é Político, advogado e Jornalista venezuelano inclinado à esquerda. Deputado do Congresso Nacional, duas vezes candidato à Presidência da República e Vice-presidente e Chanceler do Governo de Chávez.

⁷ Luis Miquilena é político, editor e empresário venezuelano. Teve uma vida politicamente ativa até a década de 1960, quando se dedicou a atividade privada. No final da década de 1990 conhece a Hugo Chávez e assume importantes cargos nos primeiros anos do seu governos como Ministro de Justiça. Além disso, no Poder Legislativo, exerce o cargo de Senador e Presidente da Assembleia Constituinte que cria a nova Constituição.

valor e força de lei em certas áreas. Era comum que os novos Presidentes solicitassem a permissão para a edição de decretos executivos já no começo dos seus mandatos. Chávez não foi uma exceção.

Aproveitando o seu novo período constitucional pela legitimação dos poder depois de ser aprovada a nova Carta Magna, faz uso deste mecanismo e elabora o conjunto de 49 leis, sendo duas delas as mais polêmicas: a Lei Orgânica de Hidrocarbonetos e a Lei de Terras e Desenvolvimento Agrário⁸. O ponto de inflexão entre o governo Chávez, o setor privado e os Estados Unidos tinha chegado e iniciado transformações profundas, sobretudo nas modificações das concessões petrolíferas, impostos e regalias às empresas exploradoras e as terras ociosas, subutilizadas e latifúndios.

Capítulo 2: Os Estados Unidos e a Venezuela Bolivariana: O Início de uma Nova Etapa nas Relações Bilaterais.

Só houve um encontro oficial bilateral entre um Presidente dos Estados Unidos, neste caso Bill Clinton, e Hugo Chávez. Quatro meses depois de tomar posse, Chávez realiza uma visita oficial a Washington e se reúne com o Presidente Clinton na Casa Branca. Nessa viagem, Chávez participa de um jogo de beisebol e fecha com o tradicional martelo de madeira a jornada de compra-venda de ações de Wall Street.

Existiram múltiplos picos de tensão nas relações Estados Unidos - Venezuela. No dia 15 de dezembro de 1999, as eleições para decidir a nova Constituição estavam em pleno desenvolvimento. Porém, esse dia também trouxe um grande luto à Venezuela; o Estado de Vargas, no litoral central do país e vizinho de Caracas, sofreu intensas chuvas, resultando em enchentes e deslizamentos de terra, cujo saldo de vítimas transformou a tragédias em uma das maiores do país. O Estado ficou totalmente devastado, com centenas de pessoas desabrigadas e muitas outras mortas ou desaparecidas, com cidades, vilas e povoados isolados. O governo adota importantes mecanismos e começa receber a doações de diversas partes do mundo, mas não esperava que os Estados Unidos

⁸ Podem-se ver as mencionadas leis no site: <http://www.tsj.gov.ve/gaceta/gacetaoficial.asp?month=1&year=2001>

encaminhassem um expressivo contingente de soldados da Marinha americana às costas venezuelanas com a intenção de ajudar nas ações posteriores à tragédia. A primeira reação do governo foi negar de fato a ajuda e presença de militares estrangeiros no território nacional. Em outra ocasião, a Venezuela negou a permissão de aviões das forças armadas americanas que sobrevoassem o seu espaço aéreo.

No entanto, a primeira crise diplomática entre ambas as nações se produz quando os Estados Unidos decidem invadir o Afeganistão e o Presidente Chávez, em rede nacional de rádio e televisão, denuncia com fotos de civis mortos os horrores da invasão e o saldo negativo na nação afegã. Assim, as relações oscilaram no nível de intensidade.

Sem dúvida nenhuma, os dois fatos que marcaram radicalmente o entendimento entre Caracas e Washington foram o golpe de Estado, em abril de 2002, e a sabotagem da PDVSA, companhia nacional de petróleo da Venezuela, em dezembro do mesmo ano. O golpe de Estado foi deflagrado pela cúpula empresarial e sindical do país, o alto comando militar, com o apoio claro dos Estados Unidos e os meios de comunicação. Nunca na história de América Latina os meios de comunicação estiveram tão envolvidos em um golpe de Estado. (Lemoine, 2010, tradução própria). Um fato marcou o breve mandato de 47 horas do autojuramentado Presidente da “Transição”, Pedro Carmona Estanga, líder da Federação de Empresários da Venezuela: o primeiro país a reconhecer legítimo o governo foram os Estados Unidos e, além disso, ofereceram um pacote de financiamento internacional de 10 bilhões de dólares do Fundo Monetário Internacional (FMI) para oxigenar o novo Governo. Nesse curto espaço de tempo que Carmona esteve no poder, foi realizado um conjunto de medidas totalmente inconstitucionais: foram dissolvidos, mediante um decreto, todos os poderes do Estado; Poder Legislativo, Executivo, Judiciário, Cidadão e Eleitoral, atentando contra a decisão da maioria do país que havia votado por um novo contrato social e legitimado os poderes nos anos 2000, com novas eleições.

Com relação ao envolvimento dos Estados Unidos no Golpe de Estado, foi clara a intenção de retomar a influência sobre as políticas energéticas da Venezuela, com a exploração do petróleo e gás, e seguir tendo o país como uma

fonte segura de energia. Quando fracassa a intenção de derrocar Chávez, os Estados Unidos viraram os seus objetivos para o Iraque, tentando procurar outra fonte segura e estável de combustível.

Com Chávez restituído ao poder, nos meses seguintes um novo projeto de acabar com o seu governo é gestado. Chávez então nomeia o novo Conselho de Administração da PDVSA. Segundo Lander e Lopez Maya (2002, p.9, tradução própria) alegando - os gerentes e diretores - que haviam sido violados os critérios tradicionais de indicação do Conselho de Administração da PDVSA e por não respeitar a “meritocracia”, uma greve foi convocada, respaldada pela Central de Trabalhadores da Venezuela (CTV) e pela Federação Empresarial. Os Gerentes de Alto Nível se negaram a perder as suas cotas de poder alcançadas na Abertura Petrolífera⁹ [...] a empresa –PDVSA- chegou a ser “um Estado dentro de um Estado”.

A greve começou a fazer estragos na economia nacional. O país ficou sem combustível e alimentos. Não havia carros nas ruas. O ponto principal da greve da PDVSA foi dado pelo seu cérebro tecnológico: a INTESA. Esta última era formada pela PDVSA e a transnacional *Science Applications International Corporation* (SAIC). Criada para ser um *outsourcing* de informática, ficava situada nos Estados Unidos e possuía um investimento inicial de 80 milhões de dólares -originados da PDVSA- que ficou com 40% da participação societária da INTESA. Todos os procedimentos administrativos: exploração, distribuição e refinação do petróleo que estavam nas mãos da INTESA foram, no início da greve, retiradas da execução da PDVSA, sem possibilidade imediata de volta. Por exemplo, as fábricas de asfalto pararam em pleno processo de trabalho, deixando secar e estragar dentro delas toda a matéria prima e seus derivados. Para Monsalve (2003), o destaque, na época da greve da PDVSA, foi que 90% dos contratos da SAIC eram com os serviços de inteligência ou com a Secretaria de Defesa dos Estados Unidos e, além disso, entre os seus diretores da SAIC figuravam nomes como: o Almirante Bobby Inman, diretor principal da CIA; Melvin Laird, secretário de Defesa do ex-presidente Richard Nixon; o Brigadeiro aposentado Max Thurman, comandante da invasão ao Panamá, e Donald Hicks,

⁹ A Abertura Petrolífera foi um processo na década de 1990 que praticamente entregou às mãos transacionais a exploração do ouro preto da Venezuela e reduziu os impostos e regalias cobradas a essas empresas.

Chefe de Investigações do Pentágono. Aos tradicionais, é necessário adicionar outros nomes: Robert Gates y John Deutch, ex-diretores da CIA; e William Perry, ex-secretário de Defesa.

Devido à sabotagem petrolífera, o PIB do país teve uma contração profunda, chegando até -26.7% ¹⁰. O desemprego alcançou o patamar de 20.7% ¹¹ da população ativa, soma-se a isso, a perda de 14,4 bilhões de dólares por vendas de petróleo não realizadas pela PDVSA ¹². Porém, saiu da PDVSA toda a alta cúpula que entrou em greve, deixando o caminho livre para que o Governo Nacional assumisse o controle total sobre a indústria e para que pudesse recuperá-la.

A oposição contava ainda com uma grande fonte de financiamento como a Fundação Nacional para a Democracia (NED, siglas em inglês), que injetava dinheiro, principalmente, através da ONG Súmate ¹³. Em abril de 2004, o Departamento de Estado assumiu que financiava grupos venezuelanos de oposição com o objetivo de “apoiar a democracia”.

2.1 Intercâmbio Comercial e Petróleo:

Uma das áreas principais nas relações entre Estados Unidos e Venezuela é, sem dúvida, o setor financeiro. Primeiro, pelo ativo intercâmbio comercial e segundo, pela exportação histórica de petróleo de Caracas para Washington.

Desde 1999 a 2006, as importações venezuelanas dos Estados Unidos tiveram o seguinte comportamento:

Importações venezuelanas dos Estados Unidos	
1999 – 2006 (FOB - US\$) ¹⁴	
1999	5.190.400.472
2000	5.481.076.748

¹⁰ MINISTÉRIO DO PODER POPULAR PARA PLANEJAMENTO. Venezuela em Transição ao Socialismo Bolivariano, sn. 2013. P. 16.

¹¹ MINISTÉRIO DO PODER POPULAR PARA PLANEJAMENTO. Venezuela em Transição ao Socialismo Bolivariano, sn. 2013. P. 17.

¹² Fonte: PDVSA. Site:

http://www.pdvsa.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuprinc.tpl.html&newsid_temas=28

¹³ Maria Corina Machado, política Venezuela pertencente aos setores mais nobres do país. Tornou-se uma figura pública depois de ser a Presidente da ONG Súmate que tentou assumir as competências do Poder Eleitoral Venezuela e organizar a recoleção de assinaturas para acionar um Referendum Revocatório contra Chávez. Sempre teve uma clara e pública posição de direita e a favor dos Estados Unidos; em maio de 2005 foi recebida pelo Presidente George W. Bush na Casa Branca para tratar assuntos sobre a Venezuela e o Governo Chávez. Na atualidade é Deputada da Assembleia Nacional da Venezuela pelo estado Miranda.

¹⁴ Fonte: Instituto Nacional de Estadística de Venezuela (INE) – Sistema de Consulta de Comércio Exterior. Site: http://www.ine.gov.ve/index.php?option=com_content&view=category&id=48&Itemid=33

2001	5.548.923.689
2002	3.800.114.542
2003	2.735.882.388
2004	4.854.796.755
2005	6.661.613.195
2006	9.058.501.544

Na análise da tabela, podemos observar que o intercâmbio comercial foi flutuante. No início do Governo Chávez, com cerca 5,1 bilhões de dólares, chegando a níveis de 2,7 bilhões no ano de 2003, produto da diminuição do PIB Venezuela. Porém, no ano de 2006, houve um aumento, chegando a quase duplicar, em comparação a 1999.

Exportações venezuelanas NÃO petrolíferas aos Estados Unidos 1999 – 2006 (US\$)¹⁵	
1999	1.547.341.912
2000	2.225.878.584
2001	2.352.694.271
2002	1.757.941.443
2003	1.788.738.442
2004	2.414.781.601
2005	2.204.615.958
2006	1.735.956.823

As exportações venezuelanas tiveram um comportamento relativamente linear neste período, chegando ao ponto mais baixo de 1,5 bilhões de dólares em 1999 e ao valor mais alto em 2004, de 2,4 bilhões. Observa-se que a balança comercial está em desequilíbrio, a favor dos Estados Unidos, sendo o principal país exportador para a Venezuela. Interessante que, depois do Golpe de Estado e a sabotagem à PDVSA, as importações venezuelanas aumentaram e quase duplicaram no ano de 2006, em comparação a 1999. Neste último ano do período

¹⁵ Fonte: Instituto Nacional de Estadística da Venezuela (INE) – Sistema de Consulta de Comércio Exterior. Site: http://www.ine.gov.ve/index.php?option=com_content&view=category&id=48&Itemid=33

estudado, o desequilíbrio comercial na relação exportação-importação é de, aproximadamente, seis vezes mais do que as importações da Venezuela e do que suas exportações. Apesar das oscilantes relações políticas entre ambos os Estados, o tema econômico seguia com importantes intercâmbios comerciais.

Fator característico da Venezuela atual é a utilização de palavras provenientes do inglês adaptadas ao espanhol. Quando as crianças participam de algum jogo na rua, para pararem o jogo dizem “*taima*”, que provém da fusão de “*time*” mais “*out*” –tempo fora. Há outras como “*guachimán*”, cujo significado é porteiro ou vigilante, derivado de “*watch*” e “*man*”, homem que observa, cuida. Também, o caráterístico beisebol, esporte nacional aproxima os países. Nada disto foi por acaso, já que a descoberta do petróleo trouxe algo mais que companhias petrolíferas, mas também a influência cultural e política sobre a nação.

Os Estados Unidos enxergavam a Venezuela como uma grande e estável fonte de energia segura e, nos finais dos anos 90, uma fonte barata, pois o preço do barril chegou ao patamar de US\$ 12, praticamente com custos operacionais muito elevados, que faziam com que se subsidiasse a produção de petróleo e, por consequência, a economia dos Estados Unidos.

Receita de exportações petrolíferas da Venezuela	
1999 – 2006 (Bilhões de US\$)¹⁶	
1999	16.735
2000	27.874
2001	21.745
2002	21.532
2003	22.029
2004	32.871
2005	48.143
2006	57.972

Na tabela anterior, observa-se que as receitas da Venezuela por exportações petrolíferas foram aumentando ao longo dos anos, devido a duas

¹⁶Fonte: Instituto Nacional de Estadística da Venezuela (INE) – Sistema de Consulta de Comércio Exterior. Site: http://www.ine.gov.ve/index.php?option=com_content&view=category&id=48&Itemid=33

razões principais: 1) o controle sobre a PDVSA, depois da sabotagem e auditoria dos seus gastos, que os diminuiu e; 2) o aumento do preço do barril de petróleo depois de uma política coordenada dos países produtores.



No último gráfico, mostra-se que a produção de petróleo da Venezuela aumentou de 1973 até 2011, em milhões de barris diários. No ano de 2003 se evidencia uma drástica queda, fruto da sabotagem petrolífera. Grande parte da produção era destinada ao consumo dos Estados Unidos, ainda que, desde 1999, se reduziu esta venda, o fluxo do “ouro negro” seguia aberto em importantes quantidades.

Outra referência importante é a companhia CITGO que opera em grande parte da costa oeste dos Estados Unidos. A PDVSA adquiriu 50% das ações em 1986 e o restante em 1990. CITGO conta com três refinarias situadas em Corpus Christi, Texas, Lake Charles, Louisiana –a sexta refinaria do país- e Lemont, Illinois e administra outras refinarias. Além disso, possui 4.000 empregados e 7.000 postos de gasolina¹⁸. Relativa à CITGO foi a decisão política do Governo Chávez de colocar em andamento, no ano de 2005, o programa de *Heating Oil*, que consiste em doar combustível para calefação no inverno. Inicialmente, destinava-se às pessoas desabrigadas e vítimas do furacão Katrina e às comunidades carente de Nova York. Porém, o programa ampliou-se e, hoje, soma 236 milhões de galões entregues entre 2005 e 2014, a 1.8 milhões de pessoas

¹⁷ Fonte: WTRG Economics.

¹⁸ Fonte: CITGO – PDVSA. Site: <http://www.citgo.com/AboutCITGO.jsp>

mantidas aquecidas durante o inverno em 25 Estados, dos quais são 245 refúgios de pessoas desabrigadas e 261 comunidades nativas.¹⁹

2.2 Oposição à ALCA:

Desde o início do período estudado, nota-se que o Governo Chávez, apesar de ter inclinação à Terceira Via, criticou fortemente as políticas neoliberais e uma possível criação de uma Área de Livre Comércio das Américas. Na primeira cúpula desta iniciativa realizada em Quebec, Canadá em 1999, a Venezuela foi contrária à proposta, sendo acompanhada por Cuba. A oposição à ALCA foi se tornando mais forte, com a ampliação de governos mais progressistas na região, como Nestor Kirchner, na Argentina e Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil, apoiando a coordenação para realizar manobras que neutralizassem a ALCA. Finalmente, na cúpula das Américas de Mar del Plata, na Argentina, que encerrou, em grande parte, a intenção de levar adiante o projeto de criação da ALCA liderado pelos Estados Unidos. O país norte americano muda a estratégia e começa a fazer acordos bilaterais de livre comércio com alguns países da região, como Chile e Peru.

Capítulo 3: A Venezuela e a Declaração do Caráter Anti-Imperialista e Socialista:

Para aprofundar neste tema, em primeiro lugar, é necessário abordar o conceito de império. Para Magdoff (1978):

A conservação da influência e do controle pelos centros metropolitanos no período pós-colonial, por conseguinte, requer especial atenção. As técnicas preferidas, algumas velhas e outras novas, enquadram-se em várias categorias: 1) Nos casos possíveis, acordos econômicos e políticos formais para preservar antigos laços econômicos. Incluem acordos comerciais preferenciais e manutenção de blocos monetários; 2) Manipulação e apoio aos grupos governantes locais com vistas a manter a influência dos centros metropolitanos e prevenir a

¹⁹ Fonte: CITGO – PDVSA. Site: <http://www.citgoheatingoil.com/>

revolução socialista interna. Nesta etapa, além das operações tipo CIA, temos assistência militar, o treinamento do quadro de oficiais e ajuda econômica [...]; 3) Estabelecimento de influência e controle sobre orientação do desenvolvimento e, quanto possível, sobre decisões de Governo que afetem a alocação de recursos. Sob este título incluem-se os acordos de ajuda econômica bilateral e as políticas e atividades do Banco Mundial (BM) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) [...]. MAGDOFF (1978, p. 122 - 123).

Com relação a este conceito na realidade da Venezuela, no final dos anos 1990, muitos temas se cumpriram: uma estreita relação comercial com Estados Unidos e acordos favoráveis para suas empresas, sobre tudo, no âmbito de exploração de petróleo, como a abertura petrolífera para manter a prolongada parceria de venda de hidrocarbonatos, variadas e intensas formação de militares venezuelanos nos Estados Unidos e uma clara intervenção nos assuntos internos e acordos com o FMI. Por exemplo, no momento da explosão social de “El Caracazo” em 1989, o governo de Carlos Andrés Perez estava aplicando um pacote de reajustes imposto pelo FMI para poder receber o financiamento internacional. Além disso, especificamente em torno do imperialismo de Washington, Magdoff (1978) comenta:

Além de utilizar seu novo poder econômico e financeiro, os Estados Unidos aceleraram seus esforços para penetrar nas searas das antigas potências coloniais: 1) transformando-se no principal fornecedor de ajuda militar e econômica; 2) construindo uma rede global de bases militares e áreas de prontidão [...] Impedir a desintegração dos componentes do que resta do sistema imperialista. Pelos mesmos motivos, a presença militar global dos Estados Unidos (em conjunto com as forças militares de seus aliados) e a sua predisposição de engajar ativamente essas forças (como no Vietnã) proporciona substância à força política que mantém o sistema imperialista, mesmo na ausência das colônias. MAGDOFF (1978, p. 123)

A formação das Forças Armadas da Venezuela tem o seu início nos processos de independência, mas no século XX o seu desenvolvimento foi estritamente relacionado com a parceria com os Estados Unidos ou com outros países estrangeiros. Por exemplo, o surgimento da Guarda Nacional - quarto componente da Força Armada - foi baseado no modelo proposto para a criação da Guarda Civil espanhola, criado no governo de Francisco Franco na Espanha. Outro tema foi a compra de equipamentos militares venezuelanos, da cooperação e da formação dos oficiais eram provenientes da tecnologia, das fábricas e das escolas da América do Norte. Lembra a chamada Escola das Américas, que formou uma imensa quantidade de oficiais do continente inteiro.

O Governo de Jimmy Carter²⁰ tinha uma política de não providenciar equipamentos militares de última geração aos governos da América Latina, mudança de política com a chegada de Ronald Reagan²¹ à Presidência. A Venezuela, no início dos anos 1980, anunciou a negociação com os Estados Unidos de aviões F-16B, equipamentos de última geração, sendo o primeiro país do continente americano a comprar este modelo de aviões. Segundo Lugo (2004, tradução própria) [...] em maio de 1982 foi assinado o acordo para a compra de 18 unidades F16-A y 6 unidades F16B do bloco 15 [...] no início o Congresso dos Estados Unidos recomendou a venda da versão F-16/79, modelo inferior ao F-16A [...] a negociação por um montante de 615 milhões de dólares que incluíam as 24 unidades (6 duplos e 18 individuais), [...] Cada avião, em média, custou 25 milhões de dólares.

A Venezuela nunca teve, oficialmente, uma base militar de Washington no seu território. Porém, a venda de equipamentos como os F-16 ou a instalação de unidades de militares dos Estados Unidos dentro dos quartéis Venezuela, como a que existia no “Forte Tiuna”, principal sede militar situada em Caracas, tiveram o objetivo de homologar a aproximação entre as Forças Armadas venezuelanas e as Forças militares dos Estados Unidos, para obter um apoio armamentista, caso fosse preciso. Políticas que se encaixam dentro da lógica descrita por Magdoff.

Depois dos fatos anteriormente descritos, Hugo Chávez começa a mudar e radicalizar a sua posição sobre os Estados Unidos. Desde a retórica, cada vez as

²⁰ Jimmy Carter foi Presidente dos Estados Unidos desde 1977 até 1981.

²¹ Ronald Reagan ganhou a Presidência estadunidense contra o Jimmy Carter e governou desde 1981 até 1989.

suas palavras eram mais forte. Finalmente, no âmbito de um fato sem precedentes na Venezuela que foi a descoberta de um grupo de 153 paramilitares colombianos sendo treinados na chácara Daktari, situada no entorno de Caracas, com o objetivo de atacar Miraflores –Palácio Presidencial da Venezuela- com uniformes do exército venezuelano, para simular uma rebelião militar de soldados. Este capítulo trouxe perturbação das relações diplomáticas com a Colômbia, indiscutível aliado dos Estados Unidos que recebeu o chamado Plano Colômbia, com imensas quantidades de ajuda financeira e técnica para dotar de armamentos as forças armadas desse país. Passados alguns dias, Chávez, no 16 de maio de 2004, em uma manifestação em Caracas declara o Caráter Anti-imperialista do processo político que liderava na Venezuela: a revolução bolivariana, para tenha reverter o processo que historicamente tenha ligado Washington a Caracas.

Nesta lógica, a Venezuela inicia a primeira fase de compra de armamentos com um país e tecnologia diferente. O governo negociou, neste primeiro momento, a aquisição de 100.000 fuzis AK-47 e 40 helicópteros. Estas ações se ampliaram, com parcerias com a China, Bielorrússia e outros países.

Igualmente, ao interno das forças armadas mudou-se a formação dos oficiais, em uma etapa inicial, com a introdução do pensamento militar bolivariana nas escolas universidades militares e, depois com a declaração da nova doutrina militar bolivariana que define as Forças Armadas como o caráter anti-imperialista. Basicamente, a nova doutrina militar bolivariana consistia em adaptar todos os equipamentos militares às condições e terrenos venezuelanos, porque todos os manuais e guias para a formação dos oficiais e técnicos eram traduções literais dos manuais de procedimentos dos Estados Unidos. Em essência, o pensamento militar venezuelano era centrado no pensamento militar estadunidense.

Um ano mais tarde, em 2005, durante uma série de discursos públicos, Chávez, começa expor a ideia que, segundo ele, o desenvolvimento do país e a mudança da sociedade atual não teria solução dentro do capitalismo. Especificamente, na realização do V Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre, no Brasil, anunciou que, para poder avançar, era necessário transcender ao

capitalismo e, a melhor forma de fazê-lo era com a construção do Socialismo e, citando a Ignacio Ramonet ²², poderia ser transcendido pela Democracia.

Hugo Chávez define o socialismo que está se implantando na Venezuela da seguinte forma:

“Romulo Gallego²³ escreveu: *‘Planície venezuelana, toda horizonte como a esperança, toda caminhos como a vontade’*. Para mim, o Socialismo é como a planície venezuelana: todo um horizonte, todo um caminho, como a nossa vontade, como o nosso empenho. E, além disso, deve ser invenção nossa [...] Nesse sentido de que há –a história mostra - muitos socialismos e que na Venezuela e na sociedade venezuelana possuem umas características muito singulares [...] o que estamos inventando – aqui e agora- é o modo de encaixar duas coisas: um socialismo de novo porte, por uma parte, e por outra, uma sociedade venezuelana em plena mutação. Esta dupla transformação é o que chamamos Revolução Bolivariana [...] Tentarei estabelecer uma relação entre esse três conceitos –Revolução Bolivariana, Socialismo e Independência Nacional. No caminho ao desenvolvimento, chega um momento em que os povos se encontram ante uma bifurcação e devem escolher entre dois sendeiros: capitalismo ou socialismo. São os dois únicos caminhos que existem. Nós escolhemos o socialismo [...] O cristianismo autentico é uma das maiores fontes do socialismo moral [...] O valor supremo do socialismo é o amor [...] No Capitalismo todo ser humano é considera uma mercancia ou um objeto. A Consigna é *‘salve-se quem puder’*, ao invés do socialismo: *‘Salvemo-nos todos juntos’*. O amor contra o ódio, Socialismo ético [...] devemos mudar

²² Ignacio Ramonet Ex-aluno de Roland Barthes, é doutor em Semiologia pela École des hautes études en sciences sociales de Paris. Professor de Teoria da Comunicação da Universidade Denis Diderot (Paris VII). Escreveu vários livros sobre geopolítica e crítica da comunicação mundial, nos quais relaciona os meio de comunicação com o projeto estratégico da globalização. Defende a inclusão da sociedade civil nos processos de construção de um outro mundo. Trabalha na França desde 1972 e desde 1991 é diretor do periódico Le Monde Diplomatique.

²³ Romulo Gallegos, um dos principais e mais conhecidos escritores venezuelanos. A sua principal obra literária foi Dona Bárbara. Na sua vida política exerceu a Presidência de Venezuela entre fevereiro e novembro de 1948 quando é derrocado por um Golpe de Estado.

o espírito: *‘sem transformação o espírito –disse o Trosky- não há transformação do homem [...] O demais é secundário, ainda que importante. Por isso, concebo o socialismo ante tudo como moral. Não pode ser só um modelo econômico, perderia a alma’*.²⁴

Nestas palavras, observamos que, primeiramente, Chávez concebia o socialismo na sua dimensão moral e ética, mais desde intangível é o interior do ser humano; valores, princípios, educação, etc. Embora que, também defina as outras dimensões do socialismo que estava impulsionando na Venezuela:

“[...] depois há um *‘socialismo social’*, valga a pena a redundância, baseado na luta pela igualdade, por uma *‘sociedade de iguais’*, maravilhoso conceito do socialismo puro acunhado por Simón Bolívar em Angostura²⁵. Todas as nossas Missões²⁶ [...] representam a essência do nosso projeto socialista no âmbito social. O seu objetivo é levar às pessoas fora do fundo da e ir pobreza e ir gerando uma igualdade não só estabelecida por lei, senão ademais praticada na realidade. Isto nos permitiu construir uma blindagem social que protege aos mais debéis e lhes ajuda a sair da miséria [...] Há mais fontes. Ademais do moral e o social, o nosso socialismo tem outros componentes: no particular, obviamente, o econômico e o político. O socialismo econômico é: nacionalização dos setores estratégicos da economia, o desenvolvimento das cooperativas, a participação dos trabalhadores em todos os níveis da organização e gestão das empresas, os bancos públicos, etc. Onde reside o socialismo político? Na democracia. Não a democracia burguesa ou liberal, senão na democracia *‘participativa e protagoniza’* definida pela nossa Constituição [...] Além disso, o nosso socialismo tem uma dimensão territorial. Vemos um

²⁴ RAMONET, Ignacio. Hugo Chávez, minha primeira vida. Conversações com Ignacio Ramonet. Pág 588 – 590. 2013.

²⁵ Simón Bolívar fez o Discurso de Angostura em 1819 e passa à história por mostrar a ideia de projeto de República e Constituição que ele concebia

²⁶ As missões são programas extraordinários de governos destinados a objetivos específicos. A primeira delas foi a Missão Robinson de alfabetização, cuja meta foi alcançada e, no ano de 2005, a Venezuela foi declarada livre de analfabetismo pela UNESCO.

'socialismo geográfico' porque também existem desigualdades territoriais [...] Enfim, na minha concepção, nosso socialismo também possui um componente militar: o socialismo militar. Conjuntamente com o povo, a Força Armada participa na construção do projeto nacional [...] Só dessa forma a independência nacional –para abordar o terceiro conceito- é possível. No marco do capitalismo dependente –único capitalismo que se instalou aqui-, nunca foi possível”²⁷.

Nesta etapa da declaração da Venezuela como país Anti-imperialista e Socialista, aprofundaram-se as crises diplomáticas com os Estados Unidos. A Venezuela pede a extradição de Luis Posada Carriles²⁸ por crimes cometidos na Venezuela, a qual foi negada. Igualmente, acontece a primeira expulsão de um adido militar estadunidense por presumida espionagem às forças armadas venezuelanas. Washington respondeu em reciprocidade com a expulsão da Ministra Conselheira da Embaixada venezuelana nesse país.

Para encerrar o período estudado, acerca das conturbadas relações bilaterais entre ambas as nações, dois fatos foram marcantes e testemunhados pela a sede da Organização de Nações Unidas (ONU), em Nova York: o primeiro foi o polêmico discurso do Chávez denunciando o Imperialismo dos Estados Unidos e referendo-se a o Presidente George W. Bush como o “diabo”. Além disso, o segundo fato foi a candidatura da Venezuela como membro não permanente ao Conselho de Segurança da ONU, que foi visivelmente bloqueada e boicotada pelos Estados Unidos que impuseram um candidato de última hora como foi Guatemala.

Conclusão:

Examinando os dados e fatos expostos, pode-se chegar à conclusão que, no período estudado, existiu um grau de coerência entre o discurso e a ação das

²⁷ RAMONET, Ignacio. Hugo Chávez, minha primeira vida. Conversações com Ignacio Ramonet. Pág 590-591. 2013.

²⁸ Luis Posada Carriles cubano, nacionalizado venezuelano, conhecido pelos pseudônimos de *Basilio*, *Comisario Basilio* e *Bambi*. É um ex-agente da CIA, declarado terrorista pelo governo cubano e pelo governo da Venezuela. É acusado de ser o mentor do atentado ao vôo 455 da Cubana de Aviación, em 1976.

políticas de Estado e de Governo, visando romper o que se entende como imperialismo, anteriormente definido, pelos seguintes elementos:

- 1) Colocar em andamento um discurso que quebrasse com as falas oficiais que praticamente imperava no continente, tendo como exemplo a reserva de direito feita durante a primeira cúpula das Américas realizada em Quebec, Canadá e que significava a confrontação com uma proposta exclusivamente impulsada pelos Estados Unidos.
- 2) A criação de uma doutrina militar nova que declarasse anti-imperialista às Forças Armadas. Porém, o fato concreto mais importante é a mudança na parceria de defesa do país, adquirindo tecnologias novas e diversas às estadunidense.
- 3) A redução do fluxo de petróleo vendido aos Estados Unidos e a diversificação dos compradores, sendo China e Índia os novos parceiros. Além disso, a eliminação dos marcos legais que deram preferências às companhias estrangeiras na exploração petrolífera durante a abertura da década de 1990 que, também, reduziu os impostos e aumentos as regalias a estas. Este marco legal foi mudado pela nova Lei Orgânica de Hidrocarbonatos, que contemplava mais impostos e menos regalia com a criação das empresas mistas e programas de diversificação petrolífera.

No âmbito que os resultados foram inversos aos objetivos, sem dúvida alguma, foram no intercambio comercial que praticamente duplicou desde o início do período estudado até o final dele, porém entende-se que a Venezuela era um país basicamente produtor de petróleo, cujo grau de industrialização era precário. Por tanto, mudar a dependência das importações com a consolidação de um aparelho produtivo nacional precisaria de um tempo maior.

Porém, deve-se compreender que um período de seis anos é insuficiente para alcançar um objetivo, como tornar uma nação anti-imperialista pelas proporções que isso precisa, e depois de grandes problemas como o Golpe de Estado ou a Sabotagem Petrolífera. Poder-se-ia afirmar que os objetivos propostos foram parcialmente alcançados.

Bibliografia

BLAIR, Tony. *The Third Way: New Politics for the New Century*. Fabian Society, 1998.

CITGO. Citgo-Venezuela Heating Oil Program. CITGO Petroleum Corporation, Houston, Texas, 2014. Disponível em <<http://www.citgoheatingoil.com/about-programoverview.html>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2014.

CITGO. Citgo Refining. CITGO Petroleum Corporation, Houston, Texas, 2014. Disponível em <<http://www.citgorefining.com/>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICAS. Sistema de Consulta de Estadísticas de Comércio Exterior 1998-2013. Caracas, Venezuela. Disponível em <http://www.ine.gov.ve/index.php?option=com_content&id=339&Itemid=33>. Acesso em 2 de fevereiro de 2014.

MAGDOFF, Harry. *Imperialismo: da era colonial ao presente*. Zahar Editores. 1979. P. 122-123.

MÁRQUEZ, Trino. O novo Governo e a Terceira Via. *Diario El Universal*, Caracas, Venezuela, Jan-1999. Disponível em: <<http://www.analitica.com/vas/1999.01.2/contenido/nacional/nacional2.htm>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2014.

MELO, Victor, JIMÉNEZ, Sair. Entre glórias e fracassos. *Diario El Universal*. Caracas, Venezuela, mar-2013. Disponível em <<http://www.eluniversal.com/deportes/130307/entre-glorias-y-fracasos>>. Acesso 3 de fevereiro de 2014.

MINISTÉRIO DO PODER POPULAR PARA PLANEJAMENTO. *Venezuela em Transição ao Socialismo Bolivariano*, sn. 2013. P. 16-18.

MINISTÉRIO DO PODER POPULAR PARA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO. *Cronologia do Processo Bolivariano 1999-2011*, sn. 2011.

MONSALVE, Túlio, RALPH, Alexandre. Como a CIA controlava PDVSA através de INTESA. Assembleia Popular Revolucionaria (APORREA), Caracas, Venezuela, 2003. Disponível em <<http://www.aporrea.org/actualidad/a1857.html>>. Acesso 17 de fevereiro de 2014.

LEMOINE, Maurice. O Poder da Imprensa venezuelana. Le Monde Diplomatic, edição em inglês, Paris, França, ago-2002. Disponível em <<http://mondediplo.com/2002/08/10venezuela>>. Acesso em 14 de fevereiro de 2014.

LANDER, Luís Edgardo, LOPEZ MAYA, Margarita. Venezuela, golpe e petróleo. Revista Venezuelana de Ciências Sociais, Universidade Central da Venezuela, 2002, N-2, maior-ago.

LUGO, José. O Grupo aéreo de caça N16 da FAV. FAV Clube Venezuela, Caracas, mai-2004. Disponível em <http://www.fav-club.com/index.php?option=com_content&view=article&id=251:el-grupo-aereo-de-caza-no16-de-la-fav-&catid=25:f>. Acesso em 3 fevereiro de 2014.

RAMÓN, Paula. Estados Unidos e a Venezuela: ações por acima da retórica. Américas Quartely. Estados Unidos, Jun-2013. Disponível em <<http://www.americasquarterly.org/content/estados-unidos-y-venezuela-acciones-por-encima-de-la-ret%C3%B3rica>>. Acesso em 30 de janeiro de 2013.

RAMONET, Ignacio. Hugo Chávez, minha primeira vida. Conversações com Ignacio Ramonet. Vadell Hernanos Editores, Caracas, Venezuela. Pág 588 – 590. 2013.

ROMERO, Carlos. Estados Unidos e Venezuela: uma relação necessária. Colômbia Internacional, versão eletrônica, Bogotá, Colômbia, Setembro 2002- Julho 2003, N57–N57, p. 112-123. Disponível em

<<http://colombiainternacional.uniandes.edu.co/view.php/467/view.php>>. Acesso em 1 de fevereiro de 2014.

ROMERO, Flávio. Clinton e Blair: A Política Econômica da Terceira Via. Routledge Press. P. 2-3. 2006.

ROMERO, Simón. Como cresce a rejeição da Venezuela dos Estados Unidos também cresce o comércio. The New York Times. Seção Américas. Disponível em <http://www.nytimes.com/2006/08/16/world/americas/16venezuela.html?_r=2&oref=slogin&>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

SAXE-FERNÁNDEZ, John (Coord). Terceira Via e Neoliberalismo. Siglo veintiuno editores, s.a. de cv, 2004, México.

SOUZA, Herbert José de (Betinho). Como se faz análise de conjuntura. Editora Vozes - 32 edição. P. 7-17. 2012.

SUROWIECKI, James. Sinergia com o Diabo. The New Yorker. New York, Estados Unidos, feb-2014. The Financial Page. Disponível em <http://www.newyorker.com/talk/financial/2007/01/08/070108ta_talk_surowiecki>. Acesso em 10 de fevereiro de 2014.

PETRÓLEOS DE VENEZUELA, S.A. (PDVSA). PDVSA em Cifras. Site oficial de PDVSA. Disponível em <http://www.pdvs.com/index.php?tpl=interface.sp/design/readmenuprinc.tpl.html&newsid_temas=28>. Acesso em 3 de fevereiro de 2014.

PÉREZ, Manuel. Simón Bolívar o Libertador: compilação, notas e cronologia. Editorial Biblioteca Ayacucho, 2007.

WEXELL, Luciano. Economia venezuelana (1899-2008): a luta pelo petróleo e a emancipação. Editorial El Perro y la Rana. 2009, p. 261-270.